

ESTO LEGAL



# Mensageiro do Ribatejo

AGOSTO  
11  
1934  
Ano V - N.º 239



Visado pela Censura

SEMANARIO REGIONALISTA  
Propriedade de NEVES DE CARVALHO e de EURICO MOREIRA

Preço avulso: \$50

Os autografos não se restituem, sejam ou não publicados

Os artigos assinados são da responsabilidade dos autores

Secretario da redacção: J. NEVES DE CARVALHO  
Administrador e editor: EDMUNDO DUARTE MOURA  
Redacção e administração:  
Rua Candido dos Reis, 108 — VILA FRANCA DE XIRA

DIRECTOR  
Antonio Lucio Baptista

Redactor principal: Dr. A. J. VIDAL BAPTISTA  
Redactor em Lisboa: ERNESTO ALBINO PEREIRA  
Composição e impressão:  
RUA ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS, 109

## Porque motivo a Povoia não é incorporada na Comarca de Vila Franca?

Na entrevista que fizemos com o sr. Antonio Albino Simões e que foi publicada no ultimo número deste jornal, uma passagem ha que necessita de ser focada mais de espaço e para a qual chamamos a atenção das entidades officiais e forças vivas deste concelho.

Trata-se da resposta á pergunta feita sobre a fórma como era encarada a passagem da Povoia para a comarca de Vila Franca.

E, transcrevamos o que nos foi dito: «Uma coisa deve completar a outra. Não se compreende nem faz sentido que, administrativamente, pertençamos ao concelho de Vila Franca e, judicialmente, continuemos fazendo parte de Lisboa. A séde do concelho dá-nos mais facilidades, sob todos os pontos de vista».

Parece-nos que não se deve perder tempo, encaminhando as coisas de fórma a que a Povoia passe a fazer parte da nossa comarca, o que não pode ser tomado á conta de esbulho, pois a Vila Franca pertence administrativamente.

Os desejos dos povoenses em pertencerem á nossa comarca têm sido manifestados por muitas e diversas vèzes, mas, á falta de quem se interesse realmente pelo assunto, a sua aspiração não tem passado de palavras, todas elas da maior consideração para Vila Franca.

No «Boletim do Ministério da Justiça» a Povoia ainda figura como pertencendo ao concelho de Loures. Ora temos todos o dever de trabalhar para que este estado de coisas termine, trazendo para a comarca de Vila Franca a freguesia da Povoia, justo anseio de todos os seus habitantes e de cujas aspirações nós nos fazemos eco, que, oxalá, seja ouvido por quem possa remediar o mal, que não sendo de difficil resolução, tende a fazer engrandecer a nossa terra, suprema aspiração de todos nós.

Iota Nedecar

## Antonio Prata



No dia 30 de Julho findo, passou o aniversário natalicio de este nosso presado amigo e distincto colaborador do «Mensageiro do Ribatejo».

Embora tardiamente, enviamos a Antonio Prata um abraço de fraternal camaradagem, com os votos sinceros de

que essa data se repita por muitos e longos anos.

## RIBATEJO NO CINEMA GADO BRAVO

O progresso tem sido, sempre, filho da necessidade do homem.

Desde o silex ao aproveitamento da hulha branca, desde o bronze á utilização das ondas espalhadas no éter do espaço, têm decorrido gradações determinadas, exclusivamente, por vácuos na vida humana e que o homem vem preenchendo na insatisfação contínua do seu querer.

Escravo da natureza conseguiu domá-la, quási que inteiramente, dispondo-lhe das forças a seu desejo — captando-lhe energias e determinando-lhe o meio de acção para fim concebido.

Nasceu a arte, igualmente, dum anseio espiritual, colectivo e uno, embora, como afinal toda a actividade humana viesse a tornar-se exclusivo duma minoria de classe preponderante.

Nos seus principios, nos primeiros raiars da emoção estética, quando a concepção tomou fórma, corporizando-se, o homem esculpiu, modelou, musicou, os motivos mais fortes, mais penetrantes, ao seu espirito inculto e compacto.

E assim, nas Belas Artes, o caçador de renas esculpiu os animais a que dava caça — renas e elefantes, principalmente — em baixos relevos primorosos, nas grutas onde habitava.

Elefantes investindo de tromba erguida, renas bebendo ou fugindo — atitudes que as retinas fixaram e as mãos transmitiram á pedra.

Depois de esculpir, modelou. E o motivo mais ao seu alcance, mais penetrante á sua sensibilidade, foi a mulher.

Na estátua da Caverna de Willendorf, patenteia-se a primeira emoção estética sentida por um escultor.

Na imprecisão das linhas, sente-se o alvorecer das obras firmes dos nossos dias adivinha-se o anseio fremente do macho eternisar a fêmea.

E como nas Belas Artes, assim na musica.

Os primeiros sons vocais que o homem entoou, dando-lhe ritmo e expressão, foram os estridentes gritos de guerra proferidos no ardor da luta, quando as armas se chocavam, ou, nas horas de repouso, as imitações dos harmónicos chilreios das aves, dos sussurros brandos ou ásperos das florestas, dos murmúrios suaves dos rios...

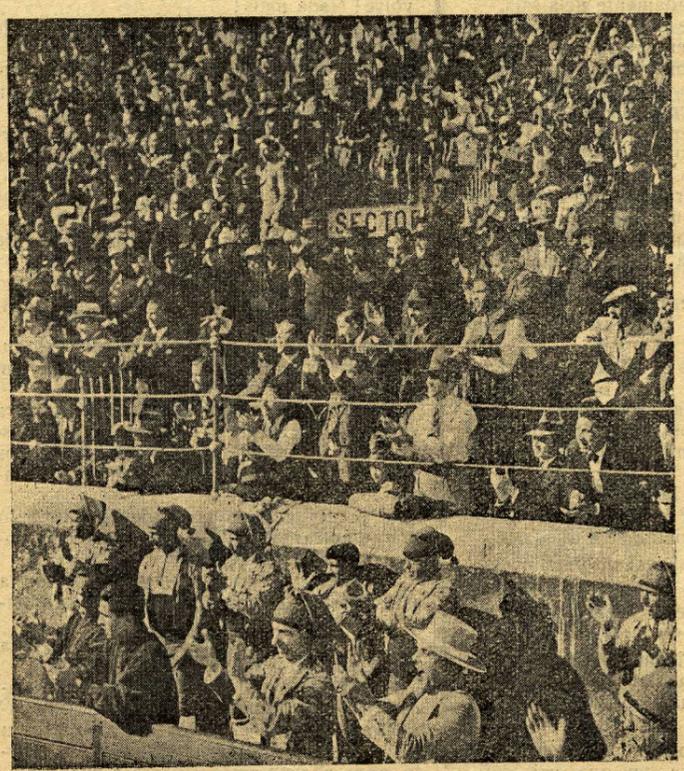
O cinema sofreu das mesmas influencias.

E em cada país onde se iniciou a sétima arte, brotou um género diverso, embora de técnica sensivelmente identica, aproveitando as características mais definidas da nação.

A América fez dos seus cow-boys e dos exploradores do Arizona o motivo forte dos seus films, com cenas de pugilato, correrias desenfreadas, explosões de minas, roubos de documentos...

A França baseou-se na sua historia e projectou no écran a vida dos seus reis preferidos, a odisseia do usurpador Napoleão, desde as primeiras vitorias ao exilio, o sentimentalismo dos seus romances, em folhetins, com 20 partes e varios episodios...

Continúa na 4.ª pagina



Uma cena do interessante filme do Blcco H. da Costa, em exhibição no cinema Tivoli, em Lisboa.

## Uma festa anual na vila de Alhandra impõe-se como uma necessidade

O nosso presado correspondente de Alhandra, interpretando os desejos dos habitantes daquela visinha vila, tem focado nestas colunas a necessidade que existe em ali ser organizada uma festa anual, mantendo uma antiga tradição, que o desinteresse de muitos fez com que não se repita ha já anos, a qual atiaia ali inumeros forasteiros, com o que muito lucrava o comercio local.

Sendo Alhandra uma terra com bastante movimento comercial e industrial, não se compreende o motivo porque se deixou perder uma tradição, que ainda se encontra viva na alma daquele povo, tão bairrista, tão amigo do bom nome da sua terra.

E' indispensavel levantar forças que parecem alquebradas, formando uma comissão que chame a si o encargo de no proximo ano fazer reviver tradições que são sempre uteis e dignas de apoio, levantando alto o bom nome de Alhandra.

Sem melindre para ninguém, ousamos destacar os nomes dos srs. Abel Boto, Narciso Dias de Carvalho e Joaquim Fragozo para formar a comissão pró-festejos, com plenos poderes para chamarem a si quem muito bem entendam para que a aspiração do povo alhandrense seja um facto.

Como não ha tempo a perder, supomos de boa politica iniciarem-se imediatamente os primeiros trabalhos, a-fim-de que no proximo ano, em data a combinar, Alhandra tenha uma festa sua, absolutamente sua.

Como o assunto é devéras interessante, a ele voltaremos mais de espaço, ouvindo sobre o assunto diversas personalidades em evidencia na visinha vila, á qual nos ligam os maiores laços de amizade.

### Divisão administrativa

Dentro em breve parece ser um facto a incorporação da Vala do Carregado na freguesia da Castanheira

Tambem nos consta que se trabalha afincadamente no intuito de restaurar a freguesia de Povos.

### Horário de trabalho

Foram afixados editais, onde se faz saber que, em sessão de 24 de Julho ultimo, a C. A. da Camara Municipal deste concelho, deliberou fixar o dia de Domingo para o descanso semanal dos estabelecimentos e oficinas de corrieiros ou cabresteiros, neste concelho.

Nos termos do artigo 16.º do respectivo Regulamento, nos dias destinados ao descanso semanal, encerrar-se-hão todas as fabricas, oficinas, atelieres, casas de trabalho, depositos, armazens, estabelecimentos e seus anexos, cessando a sua laboração interior e exterior, sob pena das sanções legais.

Anuncie no «Mensageiro do Ribatejo»

# GADO BRAVO

(Continuação da primeira página)

A Italia passou ao celuloide as glórias e decadências de Roma, com os varios Neros, Messalinas, generais, ou, aproveitando o talento de Bertini, tragedias patéticas em que se morria de amor, com a mesma facilidade com que hoje se morre atropelado por um aerodinâmico.

O cinema em Portugal está na infancia.

Só com a fundação da Tobis, e mais recentemente do Bloco H. da Costa, a produção nacional parece querer tomar incremento e sequencia.

Realizaram-se e exibiram-se, a partir da Severa, cinco filmes portugueses.

Não nos interessa o seu valor cinematográfico, neste momento, mas, unicamente, a acção dos argumentos filmados.

E encontramos dois deles focando o Ribatejo—«Campinos» e «Gado Bravo»—e um outro com grande parte do seu ambiente—«A Severa»—.

A bizzaria da lezira do Tejo, com as suas manadas e campinos, tentou os produtores de filmes, que encontram nele o motivo cinematográfico, forte e penetrante, para a nossa sensibilidade.

Verificamos, assim, que o Ribatejo foi a região portuguesa que mais impressionou, pelas suas reais qualidades cinematográficas—fotogénicas e fonogénicas—.

«Gado Bravo», inteiramente ribatejano, foi o filme necessário á produção portuguesa, para que a confiança voltasse e nos convencessemos da verdade das nossas possibilidades.

«Gado Bravo» — Ribatejo no Cinema.

Alves Redol

Em volta do filme que ora se exhibe no Tivoli desenvolveram-se muitos e variados boatos, qual dêles o mais inverosímil mas todos com a marca portuguesa: dizer mal do que é feito por compatriotas.

No «Gado Bravo» ía-se mais além: havia quem não concordasse com o facto do Bloco H. da Costa haver chamado estrangeiros para tornar em facto a sua iniciativa. E não se tomou em linha de conta que na Alemanha, na Inglaterra, na U. R. S. S. e na Italia o pessoal cineasta não é exclusivamente nacional.

Provado que países que nos levam a palma em todos os ramos de actividade chamam a si *competências*, sem olharem a países, porque fugirmos nós dessa regra? A não ser para reeditar as pachoquchadas que temos visto, que o único merito que possuem é desacreditarem-nos perante os olhos dos que do assunto algo percebem, ridicularizando-nos, sem necessidade.

O «Gado Bravo», para nós, é a melhor produção que até hoje se tem feito no nosso país. Não é uma obra perfeita—tem os seus contras, principalmente nos sons, mas é um filme que se vê e que se sente.

Duma urdidura simples, voajando em volta dum caso de amor, em que a maldade duma mulher estrangeira tenta quebrar o elo que une duas almas portuguesas, as cenas vão-se desenvolvendo num seguimento que nos prende e que nos faz chegar ao fim do filme com vontade de o voltarmos a vêr.

Tem o «Gado Bravo» detratores? Tem a produção de H. da Costa quem lhe faça a guerra do silencio?

Ouve-se uma coisa e sente-se a outra. Mas, nem uns nem outros

# Bilhete postal ilustrado

a uma «dama» de 8 anos

Maria Cristina:

*Embora familiarizada já com as 25 letras do alfabeto, a minha encantadora amiguinha não conhece ainda os segreos misteriosos deste complicado jôgo de vogais e consoantes que tantas vezes na vida nos serve de grilheta profissional. Passemos adiante, porque a si, nessa risonha idade de bonecas, nada a pode interessar mais que adormecer a Mimi ou ralar com o Polichinelo quando êle, o mouzão, cai sobre o frágil guarda-vestidos da mobilia que serve essa curiosa familia onde*



Maria Cristina Vasques Bastos Nunes (Foto Nunes)

*o sangue é aguarelado que tinge faces de trapos, porcelana ou celuloide.*

*O papázinho servirá de intérprete, traduzindo êstes arabescos melsonantes — escritos a propósito do seu aniversário natalicio — e, juntamente com uma linda história, como só êle sabe contar, vai dizer-lhe o que significam as letras deste postal.*

*Primeiramente, quero lembrar-lhe que é muito feio pisar o rabo ao gato e, ao jantar, não comer a sopa toda. Depois, recomendo grande cautela com os seus livrinhos, não esquecendo nunca a amizade das suas amiguinhas do colégio. E mais coisas havia, muitas mais, mas hoje é dia de anos e o pratinho de arrôz doce já está na mesa, muito loirinho, muito apetitoso, a pedir colhêr.*

*Fecharei, então, este postal com um grande bouquet de beijinhos e um xi muito apertado, daqueles que, do coração, sabe dar o*

Antonio Prata

conseguem é fazer com que o filme não marque como uma das grandes obras cinematográficas do nosso país, que a nós, ribatejanos, enche de orgulho, devido ao facto da grande maioria, a quasi totalidade das suas cenas serem passadas na nossa região.

Arno é um nome feito, internacionalmente, e foi bem aproveitado para enriquecer o filme. Interessante a cena junto ao lavadouro. E aquela outra da perseguição e do encontro com uma entrada de touros?

Raul de Carvalho viveu o papel que lhe foi distribuido, principalmente na declaração feita a Artur Duarte do amor que o prende á estrangeira, e quando tem a ultima entrevista com Nina, que recusa terminantemente acompanhá-lo.

A perseguição de Raul de Carvalho a Nina e a paragem na floresta (Água Ferrea), é cena que não se olvida rapidamente.

Nós, acostumados a vêr enjaulação e apatação de gado, podemos

# Foi hoje inaugurada

na Calhandriz uma cabine telefonica

(Pelo telefone)

A freguezia da Calhandriz acaba hoje de ser dotada com um importante melhoramento, pelo qual o nosso jornal muito se interessou.

Trata-se da inauguração de uma cabine telefonica no estabelecimento do sr. Maximino Rodrigues Casaleiro. E' onde o telefone foi montado.

Pelo empregado da The Angle Portuguese & Co., foram convidados a autoridade administrativa e representantes da imprensa local.

O sr. major Delgado, administrador do concelho, na impossibilidade de poder comparecer, delegou no furiel sr. Landeiro, comandante do posto da G. N. R., a sua representação.

Às 15,20 o sr. furiel Landeiro ar rancou a fita que isolava o telefone. Às 15,25 é feita a primeira chamada para o sr. governador civil.

O sr. tenente-coronel João Luiz de Moura, em resposta á comunicação que lhe foi feita, saudou o povo da Calhandriz.

Pela comissão que conseguiu tornar em realidade o velho desejo do povo da Calhandriz é oferecido aos assistentes um «Porto de Honra», que serve de pretexto para a troca de brindes. A primeira pessoa a usar da palavra é o sr. Antonio Brito, chefe da secção de propaganda da Companhia dos Telefones, que saudou os representantes da autoridade administrativa, os jornais locais e correspondentes dos da capital.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra os srs. José Pedro do Carmo, o nosso camarada de redacção Neves de Carvalho, José Porfirio da Silva, correspondente de do «Seculo», nesta vila e Joaquim Rafael Pinto Pessoa.

O sr. Brito volta a usar da palavra saudando os Directores da Companhia dos Telefones, srs. Pope e Grant, no que foi secundado pelos assistentes.

Numa quinta do sr. Joaquim Rafael Pessoa, pela comissão pró-telefone, composta pelos srs. Joaquim Rafael Pinto Pessoa, Francisco Anastacio Gomes, Antonio Lopes Avelar, Maximino Francisco Casaleiro, Rafael Pinto Pessoa e Francisco Penedo Leitão foi oferecido um jantar aos assistentes, que é presidido pelo furiel sr. Landeiro. Indistinctamente sentaram-se os srs. José Pedro do Carmo, Antonio Brito, J. Neves de Carvalho, Francisco Penedo Leitão, Maximino Casaleiro, Augusto Rafael, Manuel Antonio Fialho, Antonio Lopes Avelar, Francisco Anastacio Gomes, José Porfirio da Silva e Joaquim Rafael Pinto.

A refeição constou de canja, galinha de fricassé, pato assado, queijo, frutas e vinhos. E' digna de parabens a cozinheira, que mostrou ter mão de mestre.

Terminado o repasto, fizeram-se novos brindes, usando da palavra os srs. furiel Landeiro e o nosso camarada de redacção J. Neves de Carvalho.

A população da Calhandriz mostrou-se bastante satisfeita com o melhoramento que hoje foi inaugurado.

## Vicente Pedro da Cunha

Encontra-se prestando serviço na delegação da Caixa Geral de Depositos de Vila Real de Santo Antonio, este nosso particular amigo e presado colaborador do «Mensageiro do Ribatejo».

## ARRENDÁ-SE

Quinta das Cachoeiras, bom rendimento. Tratar com Manuel Rafael Bastos VILA FRANCA DE XIRA

esquecer aquele touro que uns campinos laçam?

E' aqueles outros «planos» do jôgo de pau?

A fotografia, tanto de exteriores como de interiores, ótima.

Em suma, a imprensa livre, elogia a realização de Antonio Lopes Ribeiro. E esses elogios não são mais do que a expressão nitida da verdade.

Oxalá que o esforço dispendido seja generosamente compensado, a-fim-de que seja um facto o desejo de Nosseh em realizar novo filme na nossa região. E a ser isto uma realidade, que H. da Costa, não se preocupando com patriotismos descabidos, se rodeie de competencias, sem preocupação de nacionalidades. Para isso, resta que o público saiba cumprir com o seu dever, o que, decerto, sucederá.

J. Neves de Carvalho



## ALVERCA

Como anunciámos, realizou-se no passado domingo a comemoração do IV aniversário do Grupo Recreativo Alverquense, que decorreu num ambiente bastante festivo.

A festa começou por uma sessão solene a que presidiu o sr. Alferes Henrique Tomé, que convidou para o secretariar os srs. Joaquim Antonio do Carmo e José Bargaõ Marques.

Usaram da palavra os srs. alferes Tomé, José Teixeira de Carvalho, Joaquim do Carmo, Humberto Nogueira e Nogueira da Rocha, tendo todos eles elogiado e enaltecido a obra que o Grupo Recreativo Alverquense tem realizado, tendo os srs. José T. de Carvalho e Humberto Nogueira, feito entrega á Direcção dum magnifico aparelho receptor de telefonia, e dum lindo caudreiro electrico, ambos adquiridos com o producto duma subscrição inter-sócios.

Encerrada a sessão o sr. Presidente, convidou os representantes da imprensa e das colectividades locais a tomarem parte num copo de água. Aos brindes, falaram os srs. alferes Tomé, Diamantino Barros, Nogueira da Rocha e Rogerio Pinto representante do «Mensageiro do Ribatejo».

À noite, realizou-se um grandioso baile abrilhantado por uma magnifica Orquestra-Jazz, de Lisboa, o qual decorreu na melhor animação possível. — C.

## ALHANDRA

Conforme noticiámos, no penultimo domingo efectuou-se o passeio fluvial promovido pela comissão que construiu o coreto existente nesta vila, e cujo producto liquido reverte a favor de novos embelezamentos que a respectiva comissão entende ali dever fazer.

A partida foi dada ás 8,20 horas, em direcção ao Seixal. À chegada a esta vila eram os excursionistas esperados pela Banda da Sociedade Timbre Seixalense.

Feltos os cumprimentos habituais, seguiram as Bandas da Euterpe Alhandrense e Timbre Seixalense em visita ás colectividades locais, em seguida ao que se dirigiram á sede desta ultima banda, onde foi servido um bellissimo copo de agua. Trocaram-se alguns brindes, nos quais se patenteou a amizade que liga as duas populações.

A excursão decorreu sempre no meio da melhor ordem.

A comissão está muito grata a todos quantos a auxiliaram, congratulando-se com a fórma como a excursão decorreu. — C.

2-8-934.

## Baile popular

Com grande animação, realizou-se no domingo ultimo, na cêrca do sr. F. Costa Nascimento, um excelente baile, com elevada frequencia.

Amanhã, no mesmo recinto, e novamente com o brilhante concurso da excelente orquestra-jazz «White Rose Melody Band», realiza-se um outro baile, ao qual não irá faltar, certamente, a costumada animação.

## «Soirée dos Malmequeres»

Brevemente realiza-se nesta vila, um interessantissimo baile, que os seus organizadores cognominaram por «Soirée dos Malmequeres», durante o qual será servido um chá ás damas e, no final, uma ceia aos cavalheiros.

Danças iméritos: vão preparando os «dentinhos»... que o manjar é gratis.

## Festival taurino

Promovido pelo sr. Mateus Falcão, deve realizar-se nesta vila, no dia 26 de Agosto próximo, um interessante festival tauro-maquico, cujo programa está sendo criteriosamente elaborado.

Sabemos que nele tomará parte a excelente banda-comica-taurina «Os Medrosos», de Elvas, que tanto sucesso obteve quando da sua apresentação nesta vila.

## As paredes têm ouvidos!...

Na terça-feira última veio á nossa redacção pagar a sua assinatura o sr. Manuel José do Rio, residente na Calhandriz, que declarou querer deixar de ser assinante do «Mensageiro» devido ao facto do jornal só lhe aparecer três e quatro dias depois da sua publicação, falta a que attribuiu ao encarregado do correio daquela localidade.

Mas, como «as paredes têm ouvidos», pouco depois chegou-nos o informe, segundo, de quem *trabalhou* para que aquele nosso presado amigo pretendesse deixar de ser assinante deste jornal foi o sr. Antonio Augusto da Silva, um cavalheiro que passa uma existencia um pouco misteriosa e cujo modo de vida é uma incógnita.

Ora se este cavalheiro empregasse o seu tempo em trabalho util, não seria mais interessante?